

MAPEANDO A ENTRADA DO VOCÊ NO QUADRO PRONOMINAL: ANÁLISE DE CARTAS FAMILIARES DOS SÉCULOS XIX-XX

Janaina Pedreira Fernandes de SOUZA*

ABSTRACT: The entry of Você (you) in the treatment system has generated changes in the table of pronouns, given the coexistence of two ways of treatments Você~Tu referring to the second person of the singular. Previous studies (LOPES, 2005; DUARTE, 1995) showed that this implementation did not happen in the same way in all subtypes of pronouns, occurring mainly in the position of a full subject. Thus, the aim is to map the entry of Você in personal letters to families with different social profiles of Rio de Janeiro from the end of the nineteenth and early twentieth century, checking which linguistic and extralinguistic contexts favored the use of Você and Tu.

KEYWORDS: pronouns; subject; personal letters.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é dar continuidade aos estudos sobre a inserção do *você* no sistema pronominal e sua variação com *tu*, mapeando a entrada do *você* na posição de sujeito, (i) delimitando como se configurava a disputa entre *você* e *tu* em cartas produzidas por pessoas que nasceram ou que circulavam na cidade do Rio de Janeiro da época e (ii) discutindo as consequências geradas pela inserção de *você* no quadro de pronomes do português brasileiro com base na análise de diferentes amostras de cartas pessoais de fins do século XIX e da primeira metade do século XX.

Trabalhos anteriores (cf. LOPES 2005; DUARTE 1995, entre outros) feitos com base em cartas, jornais e outros manuscritos mostraram que o emprego de *tu* se apresentava mais frequente que *você* principalmente nas relações simétricas¹ e de maior intimidade. Além disso, demonstrou o avanço da gramaticalização do *você* em inícios do século XX, que suplanta o emprego de *tu* na posição de sujeito, principalmente nas cartas escritas por mulheres. A hipótese norteadora é a de que a implementação da nova forma gramaticalizada ocorreu em alguns contextos morfossintáticos mais do que em outros, criando-se um paradigma pronominal supletivo.

Ademais, procura-se elucidar o fato de nas cartas femininas os índices da forma variante suplantarem quase sempre o emprego de *tu*. A hipótese de Labov (1994) é a de que as mulheres tendem a impulsionar os processos de mudança linguística, sendo consideradas “inovadoras”: Que motivos levaram a isso? O *você* mantinha certo prestígio, e por ser mais neutra e menos marcada, foi adotada pelas mulheres? O *tu* seria muito íntimo para ser empregado numa carta feminina?

O trabalho leva em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (LABOV, 1994), visando identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes de tratamento de referência a segunda pessoa no período em questão e nos pressupostos da pragmática sociocultural discutida por Bravo & Briz (2004).

* Mestranda; Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹ Relações nas quais falante e ouvinte possuem forças iguais, ou seja, estão em uma mesma hierarquia social (Brown e Gilman, 1960 apud SOUZA, 2008)

2. O corpus

Neste estudo, foram analisadas cartas escritas no período de 1870 a 1937. Este material foi produzido por seis famílias, compostas por pessoas com perfis sociais distintos, que tinham maior ou menor contato com os meios de educação e cultura de sua época. Por se tratar de cartas de missivistas com perfis sociais diferentes, o *corpus* foi dividido em dois grupos: os de pessoas ilustres e os de pessoas não ilustres.

O conjunto de cartas das famílias ilustres é constituído pela produção das famílias: Cupertino, Affonso Penna, Land Avellar e Pedreira Ferraz-Magalhães. Tais cartas encontram-se tanto no Arquivo Nacional quanto na Biblioteca Nacional. Tratam-se de missivas escritas por pessoas pertencentes à elite cultural e política do país e, por isso, com algum nível de “escolarização” e com o maior contato com a escrita.

A documentação das pessoas menos ilustres ainda é preliminar e se restringe a dois *corpora* menores: os bilhetes de Robertina de 1908 e as cartas de Maria para o noivo Jayme escritas em 1936-37. Tratam-se de pessoas menos ilustres, moradoras do subúrbio carioca e de “cultura mediana”, nos termos de Barbosa (2005, p.38). Eram pessoas alfabetizada, mas sem intensos contatos com os meios de educação e cultura de sua época.

2.1 Os “ilustres”

A amostra Cupertino (BR AN, RIO OY) foi produzida em fins do século XIX (1870-1890). Trata-se de cartas da família Antônio Felizardo Cupertino do Amaral. Filho do Comendador Antônio José Cupertino do Amaral e de Joana Cândida Melo do Amaral, nascido em 15/06/1852 no Rio de Janeiro, Antonio Cupertino teve importante vida política no fim do Império. Há cartas ativas escritas para sua esposa Elisa (1879-1886) e cartas passivas escritas por sua prima Ana Espinosa e por alguns amigos (1881-1882).

A documentação da Família Affonso Penna/AN-RJ envereda pelo início do século XX (1896-1926) e reúne cartas destinadas a Affonso Penna Júnior, escritas pelo tio Manuel, pelo pai Affonso Penna e pela mãe, Maria Guilhermina. Filho do ex-presidente da República, Affonsinho, como era tratado pelos familiares, nasceu em Minas Gerais, em 25.12.1879, foi deputado estadual em 1902 e faleceu no Rio de Janeiro, onde viveu grande parte de sua vida. Tinha 19 anos quando recebeu a primeira carta e 47 anos, a última.

As cartas da Família Land Avellar (BR AN, RIO OR) foram produzidas entre 1907–1917. Trata-se da correspondência ativa e passiva de Alarico Land Avellar, filho do comerciante e proprietário da Gazeta de Petrópolis, Júlio César Ribeiro de Avellar e D. Helena Land Avellar. Nasceu em Vassouras, no Rio de Janeiro, em 04/11/1882 e tinha seis irmãos com quem se correspondia: Eurico, Maria Carolina, Waldemar, Tito, Edgar e Aluízio. Viveu na capital desde 1906.

As cartas da Família Pedreira Ferraz – Magalhães (1877-1933) foram editadas por Rumeu (2008). São cartas de uma família do Rio de Janeiro trocadas entre irmãos, pais-filhos, etc. A amostra constitui parte do *corpus* de Rumeu (2008).

2.2 Pessoas “não-ilustres”

A amostra Chininha é constituída por 13 bilhetes amorosos, escritos no Rio de Janeiro, em 1908, por Robertina de Souza, que assinava seus bilhetes como Chininha. Esses bilhetes

se encontram anexados a um processo judicial² que investigou o assassinato do amante de Robertina, Álvaro da Silva Mattos, cometido por Arthur Frederico de Noronha, com quem era amasiada há seis anos. Do total de bilhetes, 11 foram escritos para o amante e 02, ao companheiro.

Por fim há um conjunto de cartas do final dos anos 30. Trata-se de um material ímpar, pois reúne cartas particulares escritas por um casal de noivos residentes no Rio de Janeiro. O noivo Jayme residia no subúrbio carioca de Ramos e trabalhava em uma empresa de importação e exportação no centro da cidade da antiga capital federal. Já a noiva, Maria morava em Petrópolis, não trabalhava e era mãe solteira da pequena Hilda.

Vale ressaltar que, apesar de Maria e Jayme serem pessoas simples e sem grau de instrução elevado, através da leitura das cartas, ficam evidentes os reflexos da diferença sociocultural entre casal. Observa-se a diferença com relação ao domínio da norma culta padrão, principalmente, nas cartas escritas por Maria, além dos traços de oralidade. Isso pode ser visto nos exemplos abaixo.

- (1) “Voçe pergunta au Neuzinho o que elle falou com elle” (A12/02/1937 Maria)
>>>>
(2) “Você pergunta au Neuzinho o que elles falarão” (B12/02/1937 Maria)

O exemplo (1) é um trecho do rascunho da carta que foi mandada a Jayme (2). Fica claro que Maria tem a noção da norma culta, tanto que ela reescreveu a carta, porém não possui grande conhecimento acerca da escrita. Isto pode ser constatado através do que ela mesma diz a respeito desse pouco domínio da escrita:

- (3) “não repares esta carta qui eu não sei escrever” (08/1937 Maria)
(4) “não repares nesta carta nei nos eros” (01/1937 Maria)

Diferentemente de Maria, Jayme ao que tudo indica possui um maior domínio da norma culta escrita, provavelmente pelo fato de trabalhar com comércio, o que geraria maior contato com a língua escrita.

3 O preenchimento do sujeito com *você* e *tu*

Como dito, trabalhos anteriores apontam que um dos contextos mais propícios para o emprego do *você* é como sujeito. Para verificar como se apresentava a disputa entre os pronomes *tu* e *você*, considerou-se que o uso majoritário de *tu*, forma recorrente do século XX (cf. Lopes, 2008; Duarte, 1993, entre outros), começa a ser suplantado por *você* por volta dos anos 30.

É também nesta mesma época que haverá uma maior tendência de preenchimento do sujeito no português brasileiro sendo as mulheres as maiores propulsoras da inserção do *você* no quadro de pronomes do português brasileiro (cf. LOPES E MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; etc.). A tabela a seguir apresenta os resultados de *tu* e *você* na posição de sujeito, tendo em vista o preenchimento ou não desta posição na totalidade da amostra:

²Processo Arthur Frederico de Noronha, Arquivo Nacional - Rio de Janeiro, nº 717, M. 883, gal. A, 8º PC, 1908.

1870-1937	Tu	Você
Pleno	50/197 25%	147/197 75%
Nulo	340/432 79%	92/432 21%
Total	390/629 63%	239/629 38%

Tabela 1 - Sujeito pronominal-distribuição geral

Em termos dos resultados totais, o emprego do pronome de segunda pessoa *tu* ainda é mais produtivo (63%) em relação ao *você* (38%). Vale lembrar que nesses resultados estão incluídas tanto a forma explícita do pronome *tu*, quanto o pronome-sujeito não-explícito, já que neste período a marca de segunda pessoa era expressa com mais frequência na desinência verbal. Como se pode observar nos resultados, o *tu* ocorre preferencialmente nulo com 79% de frequência em relação ao *você* com 21% de frequência. O pronome *você* se destaca como sujeito pleno com 75%, corroborando os resultados de estudos anteriores (DUARTE, 1995 e LOPES 2007) que demonstraram que a posição de sujeito-pleno seria uma das mais favoráveis ao *você*.

Para observar a distribuição cronológica do processo gradual de inserção do *você*, optou-se por analisar separadamente a amostra, levando em consideração os diferentes perfis sociolinguísticos dos remetentes. De um lado, tem-se um conjunto de cartas de pessoas ilustres ou mais letradas, ou seja, de famílias mais ricas e socialmente reconhecidas. De outro, tem-se uma documentação produzida por pessoas aqui denominadas de não-ilustres, menos letradas e com pouco contato com o mundo da escrita. Trata-se de pessoas alfabetizadas, mas sem intensos contatos com os meios de educação e cultura de sua época.

4 O emprego de *você* e *tu* na posição de sujeito: cartas de famílias ilustres

O gráfico a seguir apresenta os resultados do emprego de *você* na posição de sujeito em oposição ao *tu*, na produção escrita das pessoas ilustres e em três períodos de tempo distintos:

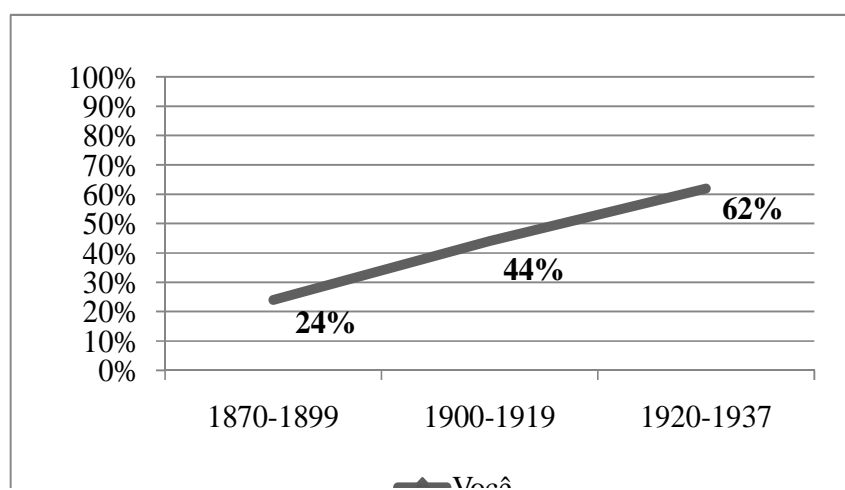


Gráfico 1 – Posição do sujeito nas cartas dos ilustres: *você* x *tu*

O gráfico 1 baseia-se nos dados de cartas do grupo das famílias “ilustres” (Cupertino, Land Avellar, Penna e Pedreira Ferraz). O gráfico foi dividido em três faixas temporais: de 1870-1899 (século XIX), de 1900-1919 (virada do século) e de 1920-1937 (primeiras décadas do século XX). Ao observarmos este gráfico, pode-se notar que na virada do século XIX para o XX, as taxas de *você* apresentam índices pouco representativos (em torno dos 20%), o que evidencia a supremacia de *tu* que se mantém mais produtivo até os anos 20. Além disso, percebemos o aumento gradual e constante de *você* ao longo dos três períodos controlados, principalmente a partir da década de 20. É só a partir dos anos 30 que *você* supera o uso de *tu* na posição de sujeito com 62%, confirmando o que Duarte (1993-5) encontrou nas peças de teatro.

Ainda analisando esse mesmo grupo dos ilustres, foram observados também os seguintes resultados com relação ao preenchimento da posição de sujeito:

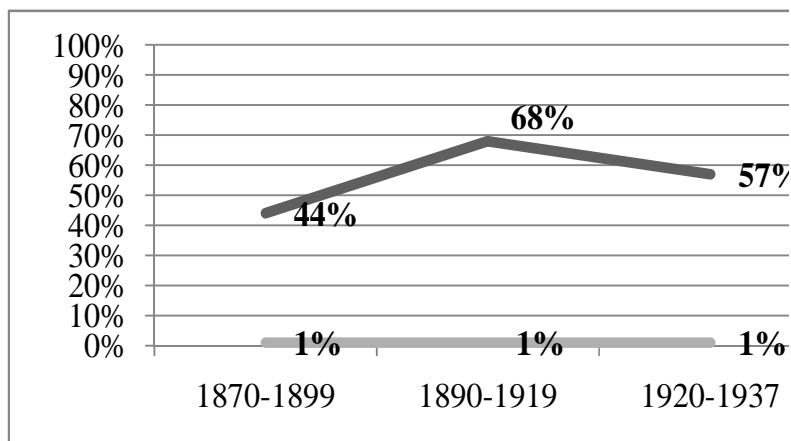


Gráfico 2 – Preenchimento do sujeito nas famílias ilustres

Esse gráfico contrapõe apenas resultados relativos ao preenchimento da posição de sujeito com *você* ou *tu* na amostra de famílias ilustres. Nele é possível perceber que quase não houve dados de *tu* como sujeito pleno: os índices percentuais se mantêm próximos de zero nos três períodos de tempo. O pronome *você*, ao contrário, apresenta maiores frequências como sujeito pleno, principalmente a partir da segunda década do século XX. As altas taxas de *tu* como sujeito nulo e o fato de *você* apresentar frequência menor como sujeito pleno (44%), na virada do século XIX para o XX, evidenciam um comportamento esperado numa língua ainda movida pelo parâmetro de sujeito nulo naquele momento, conforme afirma Duarte (1995).

Com o intuito de ilustrar e analisar mais detalhadamente os dados apresentados no gráfico acima, destacamos duas famílias ilustres. Na tabela 4 serão apresentados os resultados da variação *você* e *tu* na posição de sujeito em duas famílias ilustres específicas: a família Cupertino é representativa das últimas décadas do século XIX e a família Penna, das primeiras décadas do século seguinte.

1870-1890 Cupertino	Tu	Você	1896-1926 A. Penna	Tu	Você
Pleno	0/0 0%	08/14 58%	Pleno	0/0 0%	19/26 73%
Nulo	29/29 100%	06/14 42%	Nulo	56/56 100%	07/26 27%
Total	29/43 67%	14/43 33%	Total	56/82 66%	26/82 32%

Tabela 4 – Preenchimento do sujeito nos Cupertino e Penna

Com relação ao total de frequências, não se notam diferenças nas duas amostras: o emprego de *tu* na posição de sujeito era predominante no período analisado, com percentuais próximos oscilando entre 67% no século XIX e 68% no início do século. Porém, nota-se uma diferença de comportamento quanto ao preenchimento do sujeito.

Em ambas as amostras, não houve dados de *tu* como sujeito pleno, enquanto *você* é categórico nessa posição. É perceptível, entretanto, uma distinção entre as duas famílias. Na família Penna, tem-se uma polarização dos resultados com relação ao *você*, que ocorre muito mais como sujeito pleno (73%) do que como sujeito nulo (27%). Já na família Cupertino, localizada temporalmente no século XIX, há um certo equilíbrio com relação as ocorrências entre o *você*-nulo e o *você*-pleno: 42% e 58% respectivamente.

Com relação aos dados de *você-pleno*, alguns aspectos qualitativos devem ser mencionados. Nas cartas da família de Cupertino, século XIX, dos 08 dados de *você*, quatro fazem parte de fórmulas fixas para captação de benevolência (típicas do gênero carta) e foram escritas pela mesma pessoa (de Antonio para sua esposa Elisa), como se vê de (5) a (8):

- (5) “Desejo que *você* esteja bôa. Eu vou passando bem” (15/03/1879, Antonio-Elisa);
- (6) “Desejo que *você* e Marieta estejam bôas. Eu vou sem novidade” (Antonio-Elisa);
- (7) “Estimara que *você* e todos os nossos queridos filhinhos tenham passado bem”. (12/02/1886, Antonio-Elisa)
- (8) “Estimarei que *você* e todos os meus também continuando a passar bem” (20/02/1886, Antonio-Elisa)

Em (9), o tom é de lamentação e o emprego do pronome de tratamento dá-se em um ato indireto:

- (9) “Minha querida Elisa, Hontem tive duas cartas suas de 6 e de 8, ficando aborrecido por saber que “*você*” continua a passar incomodada”. (10/03/1886, Antonio-Elisa Cupertino)

O marido não emprega o *você* nesse caso para se dirigir à sua esposa, mas para se reportar a uma menção anterior, a algo que “soube” por intermédio de outra carta

anteriormente enviada. Já em (10), Antonio opta pelo tratamento *você* para atenuar um pedido, um tanto ameaçador (*você me espere*):

- (10) “Assim, pois, *você* me espere quando digo que me espere não quero dizer que quando [...] porque jantarei na Barra”. (12/03/1886, Antonio-Elisa Cupertino)

Tal ato linguístico no contexto da carta lhe pareceu demasiadamente imperativo/incisivo a ponto de ser necessário justificá-lo com uma ressalva que minimiza o caráter imperativo da solicitação (*quando digo que espere, não quero dizer...*). Koch (2008, p. 64) defende que o risco de um ato ameaçador à “face negativa” (território) do interlocutor presente em ordens transfiguradas em pedidos costuma ser atenuado pelo emprego de um tratamento abstrato. Nesse sentido, o pronome *você*, nesse exemplo, ainda estaria mantendo o sema de cortesia da forma original.

Nas cartas da família Affonso Penna (séculos XIX-XX), por sua vez, as ocorrências de *você*-pleno não aparecem em construções fixas e se alternam numa mesma carta com *tu-nulo* como se vê em (11) e (12).

- (11) “Recebi os jornaes que *você* me mandou, apreciei muito os discursos e a imponente posse que **tivestes**” (11/08/1919, carta de Maria Guilhermina ao filho Affonsinho)
- (12) “Tenho tido noticias suas, não tenho escrito porque sei que não **Ø tens** tempo para responder. Sinto bem *você* não ter mais calma para fazer o seu trabalho, não se alimentar bem e com socego. Agora *você* deve estar mais tranqüilo e mais contente com a presença de Marieta e filhinhos” (23/09/1919, M. Guilhermina ao filho Affonsinho)

Dos 19 dados de *você* que aparecem preenchidos na posição de sujeito, 17 ocorreram nas missivas escritas pela mãe de Affonsinho e somente duas ocorrências foram identificadas nas cartas escritas por homens: 01 dado na carta escrita pelo pai em (13) e outro na enviada pelo tio de Affonso em (14):

- (13) “Estou um pouco indefluxado, mas é causa que não vale a Penna. Ahi vai uma carta de M. Dias para *você* providenciar. Respondi-lhe que confiara esse negocio a *você*” (21/08/1905, Affonso Penna ao filho Affonsinho)
- (14) “Podia tambem escrever a seo Pae, e D João Pinheiro porem entendo não ve necessario só basta que *você* si interessou. Como **Ø sabes** para a reorganização da Fabrica é necessaria a mia efficaz intervenção e o mais difficil é obter-se o capital necessário para si montar filatorio e mais despezas 05/1906, Tio Neca a Affonsinho)

Dessa maneira, apesar do relativo equilíbrio entre os índices percentuais de *tu-nulo* e das frequências totais das formas variantes (*tu ~ você*) nas cartas relativas às duas famílias ilustres, os resultados apontam que o *você* já vinha adquirindo status de pronome pessoal. Isso se deve ao fato de aparecer, principalmente nas cartas femininas do início do século XX (Affonso Penna), nos mesmos contextos que favoreceriam o uso de *tu*, especializando-se como forma pronominal de segunda pessoa na posição de sujeito (Hopper, 1991).

Com relação aos resultados relativos ao uso de *você* nas missivas escritas pela mãe de Affonso, confirma-se a hipótese levantada em outros estudos de natureza diacrônica (cf. SOTO, 2001; LOPES E MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; entre outros) sobre o maior emprego da forma gramaticalizada/pronominalizada *você* pelas mulheres. Vejamos, na

sequência, a análise das cartas de pessoas não-ilustres, especificamente as cartas produzidas por figuras femininas.

5 O emprego de *você* e *tu* na posição de sujeito: cartas de não-ilustres

Diferentemente das amostras de pessoas ilustres e cultas, os bilhetes de Chininha escritos em 1908 e as cartas de Maria produzidas em 1936-37 foram confeccionadas por pessoas desconhecidas, de menor grau de instrução e de “cultura mediana”, como mencionado. Outro ponto convergente desse conjunto de documentos de pessoas “não-ilustres” é fato de, em ambos os casos, a documentação ser constituída por cartas de cunho amoroso escritas por mulheres a seus amantes-maridos-noivos. O objetivo da análise em separado é o de verificar se o que foi observado nas cartas de famílias ilustres se confirma nessas cartas de pessoas com perfil social distinto:

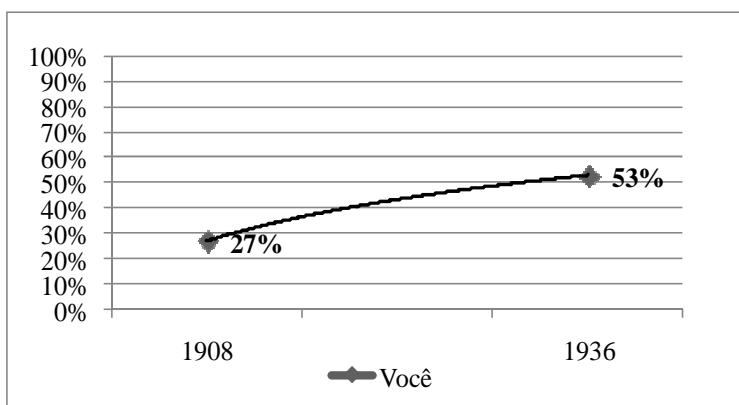


Gráfico 3 - Posição do sujeito nas cartas de não-ilustres: *você x tu*

O gráfico 3 confirma os resultados observados na produção escrita de pessoas ilustres: o aumento gradativo de *você* a partir dos anos 20-30. Nota-se o desfavorecimento para a forma *você* nos bilhetes de 1908 (27%) e a sua supremacia nos anos 30 (53%).

Ainda analisando as cartas escritas por mulheres não-ilustres, temos os seguintes resultados com relação ao preenchimento do sujeito:

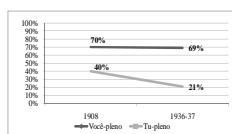


Gráfico 4 – Preenchimento do sujeito nas mulheres não-ilustres

Com relação ao preenchimento do sujeito com *você* nos dois períodos, observado no gráfico 4, não houve mudança no comportamento de *você-pleno* de 1908 para 1936-37: de 70% para 69%. No que se refere ao emprego de *tu*, nota-se uma forte polarização dos valores: 40% de frequência como sujeito pleno no início do século XX e decréscimo de uso na década de 30. A tabela a seguir contrapõe os resultados dos dois períodos:

1908 Chininha	Tu	Você	1936-37 Maria	Tu	Você
Pleno	11/27 40%	7/10 70%	Pleno	07/34 21%	27/39 69%
Nulo	16/27 60%	3/10 30%	Nulo	27/34 79%	12/39 31%
Total	27/37 73%	10/37 27%	Total	34/73 47%	39/73 53%

Tabela 5 – Preenchimento do sujeito nas cartas de mulheres “não-ilustres”

Como pode ser observado na tabela 5, com relação aos resultados totais, não houve alterações significativas em relação às cartas de família ilustres. Os resultados identificados confirmam o que foi observado em outros trabalhos, ao mesmo tempo em que se verificam aspectos peculiares.

As cartas de amor produzidas por pessoas “não-ilustres” apresentam índices de frequência equivalentes ao que observado anteriormente. Vê-se o predomínio de *tu* sobre *você* no início do século XX (73% contra 27%) e um relativo aumento de *você* na década de 30: 53% contra 47% em 1908. A polarização entre *tu-nulo* e *você-pleno* também se mantém, ou seja, o sujeito de referência à segunda pessoa (*tu*) é marcado preferencialmente na desinência verbal (60% em 1908 e 79% em 1936), ao passo que a forma de referência indireta (*você*) é mais produtiva como sujeito pleno (70% em 1908 e 69% em 1936).

Embora haja um equilíbrio entre o emprego de *você* e *tu* nas cartas de Maria (1936-37) com um ligeiro favorecimento do primeiro, ao preencher o sujeito, Maria opta por *você*, ao passo que nos casos de sujeito nulo, a marca de segunda pessoa aparece apenas na desinência verbal. Novamente, a hipótese se confirma: as missivistas brasileiras empregavam mais *você* do que *tu* na sua correspondência pessoal no início do século XX. Em (15) tem-se um fragmento com as estratégias utilizadas por Maria (1936-37) para se dirigir ao noivo:

- (15) “Eu a recebi a tua carta (...). Eu não me zango com *você* nem presizavas pedir (...). E eu sei perfeitamente que te sofrido muito por minha causa (...). *Você* não precisa aranjá mais o lugar para eu mandar as minhas cartas, (...) Antoninho te entrega que ele se ofereceu *você* dia sim, dia não telefona para elle (...) de pois *você* vai buscar” (21/01/1937, Maria para Jayme)

Nessa documentação, entretanto, percebeu-se uma diferença de comportamento em relação aos resultados anteriores: o pronome *tu* passa a ocorrer também como sujeito pleno (40% de frequência em 1908 e 21% em 1936) e não mais categoricamente como sujeito nulo como se viu nas cartas dos ilustres.

É preciso considerar ainda outros indícios nesse conjunto de cartas que não são identificados em materiais do mesmo período. Dos 11 dados de *tu* pleno nos bilhetes de 1908, houve seis ocorrências de *tu* sem a presença da desinência verbal como pode ser visto de (16) a (21). Nas cartas de 1936 também ocorre o mesmo fenômeno como em (22):

- (16) “sou tua só e *tu é* meu” (Bilhete 01 – 1908, Chininha-Álvaro)
- (17) “eu sou tua e *tu é* meu” (Bilhete 03 – 1908, Chininha-Álvaro)
- (18) “manda-me que eu guardo como *tu guardou* o meu” (Bilhete 03 – 1908, Chininha-Álvaro)
- (19) “porque *tu é* a minha vida” (Bilhete 09 - 1908, Chininha-Álvaro)
- (20) “que *tu é* meu coração que eu sou tua...” (Bilhete 06 – 1908, Chininha-Álvaro)
- (21) “*tu é* a minha vida, minh’alma” (Bilhete 10 – 1908, Chininha-Álvaro)
- (22) “eu nunca peisei que *tu memandace* uma carta dessas” (19/01/1937, Maria-Jayme)

Vale ressaltar que nos dados (20) e (21) o preenchimento do sujeito com o pronome *tu* foi funcionalmente motivado. É possível interpretar que, em alguns casos, o pronome pode indicar referência disjunta ao pronome anterior (LUJÁN, 1999, *apud* SILVA, 2007, p. 50), marcando contraste ou individualização. Em (22), o sujeito da oração anterior também é o *eu* (___ *peisei*) e o preenchimento com *tu* (*tu memandace*) marca contraste (= *tu e não outra pessoa*).

Diferentemente do observado em cartas de pessoas ilustres, essa documentação de pessoas de “cultura mediana” dão prenúncios da configuração do português brasileiro. Nota-se a presença de *tu* como sujeito preenchido coexistindo ao lado de *você* nos mesmos contextos funcionais. Percebe-se ainda que a maior parte das ocorrências de *tu* pleno foi empregada, nos bilhetes de 1908, com verbos na terceira pessoa (sem concordância verbal). Embora sejam poucos dados, observou-se que a falta da desinência verbal de segunda pessoa ocorria mais no presente do indicativo e com o verbo *ser*. Sem a marca desinencial, o pronome é funcionalmente relevante para indicar pessoa.

6 Considerações finais

Em fins do século XIX e início do XX o emprego de *tu* era mais frequente que *você* principalmente nas relações simétricas e de maior intimidade.

O pronome *tu* ocorria preferencialmente nulo, ao passo que *você* apresentava índices mais altos como sujeito pleno em fins do XIX e início do XX. Tal comportamento parece se alterar a partir da década de 30 quando os dados de *tu* pleno começam a salpicar numa carta ou outra. Os poucos dados de *tu* sem concordância também aparecem nesse período mesmo com índices muito baixos e nas cartas de pessoas com cultura mediana.

Outro aspecto a destacar refere-se às motivações sócio-pragmáticas para o preenchimento do sujeito com *você* numa língua ainda de sujeito nulo. *Você* é utilizado para destinatários e contextos específicos, podendo marcar contraste ou *individualização*, sendo empregado para atenuar pedidos e ordens e ocorrendo em estruturas fixas típicas do gênero carta, principalmente, em fins do século XIX. Nas cartas femininas, foi possível perceber que timidamente o pronome *você* ocupa os espaços funcionais de *tu*.

É possível que a generalização de *você*, a partir do século XX, possa ter influenciado na perda da marca desinencial de segunda pessoa (recorrente até então), uma vez que grande parte das áreas em que ainda se emprega *tu*, a concordância se realiza cada vez menos: coube

à presença das formas *tu* e *você* a indicação da pessoa, já que o verbo não traz mais tal informação.

Referências

- BARBOSA, Afrânio Gonçalves. (2005) Tratamento dos *corpora* de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, C. R. dos S. A *Norma Brasileira em construção: fatos linguísticos do século 19*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, p. 25-43.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. (1993) Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. p. 107-128.
- _____. (1995) *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: UNICAMP/IEL.
- KOCH, Peter. (2008) Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: KABATEK, Johannes (ed.) *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert (Linguística Iberoamericana 31), p. 53-88.
- HOPPER, Paul John. (1991) On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization*. Volume I, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Company, p. 17-35.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford, Blackwell. 1994.
- LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A Norma Brasileira em Construção*. Rio de Janeiro, FAPERJ, 2005.
- LOPES, C. R. S.: “O quadro dos pronomes pessoais”. In: Silvia Rodrigues Vieira; Silvia Figueiredo Brandão. (Org.). *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões e propostas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004, v. 1, p. 151-178.
- LOPES, C. (org.) (2005). *A Norma Brasileira em Construção. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-graduação em Letras Vernáculas, FAPERJ.
- _____; MACHADO, A. C. M. : “Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós”. In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, v. , p. 45-66.
- MACHADO, Ana Carolina Morito. *A implementação de "você" no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX*. Rio de Janeiro, UFRJ, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 2006.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês do Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística*. Rio de Janeiro, UFRJ, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 2008.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. “O estudo de painel em sincronias passadas: *tu* e *você* em cartas oitocentistas e novecentistas”. Exame de qualificação do Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 2007 (mimeo.).
- SOUZA, Sabrina Lima. *Poder e imagem: Análise Sócio-pragmática das formas de tratamento no Teatro Ibérico (Séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro, UFRJ, Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, 2008.